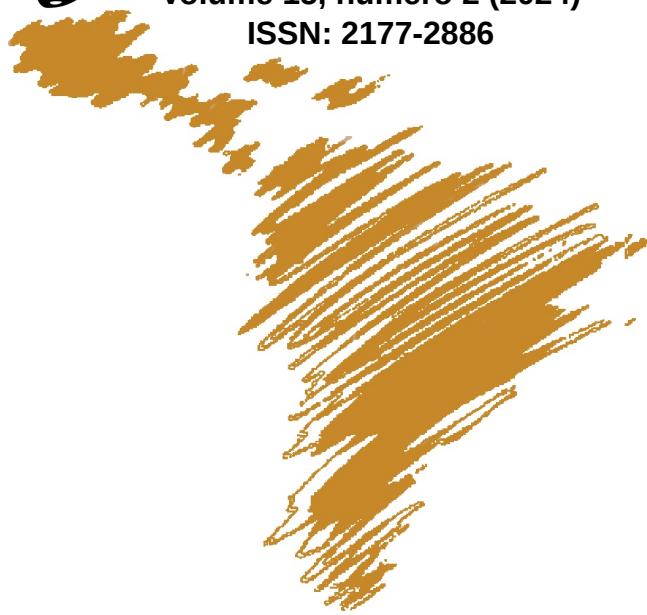


Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 2 (2024)
ISSN: 2177-2886



Artigo

Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens homens em Belém-PA

Homosociabilidad, masculinidad nociva y muertes violentas en hombres jóvenes en Belém, Pará, Brasil

Homosociability, harmful masculinity and violent deaths of young males in Belém, Pará, Brazil

Pedro Israel Mota Pinto

Universidade do Estado do Pará - Brasil
pedromota777@gmail.com

Willame de Oliveira Ribeiro

Universidade do Estado do Pará - Brasil
willame@uepa.br

Clay Anderson Nunes Chagas

Universidade do Estado do Pará - Brasil
claychagas@uepa.br

Como citar este artigo:

PINTO; Pedro Israel Mota; RIBEIRO, Willame de Oliveira; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens homens em Belém-PA. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 2, p. 227-243, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlegg>

Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens homens em Belém-PA

Homosociabilidad, masculinidad nociva y muertes violentas en hombres jóvenes en Belém, Pará, Brasil

Homosociability, harmful masculinity and violent deaths of young males in Belém, Pará, Brazil

Resumo

O estudo envolve a realidade das problemáticas sociais na periferia da Terra Firme, na cidade de Belém, no Estado do Pará. Objetiva-se compreender como as construções de gênero e sexualidade de jovens homens, no bairro da Terra Firme, refletem-se nas relações e ações de contenção à violência urbana. A partir de abordagem quali-quantitativa e de estudo de caso, com levantamento bibliográfico e trabalhos de campo, identificou-se que as relações de sobrevivência entre homens heterossexuais comumente perpassam pela territorialidade da masculinidade nociva, bem como as ações de contenção à violência urbana pouco levam em consideração as questões de gênero.

Palavras-Chave: Homossociabilidade; Masculinidade nociva; Violência urbana; Sexualidade; Gênero.

Resumen

El estudio involucra la realidad de los problemas sociales en la periferia de Terra Firme, en la ciudad de Belém, en el estado brasileño de Pará. El objetivo es comprender cómo las construcciones de género y sexualidad de los jóvenes del barrio Tierra Firme se reflejan en las relaciones y acciones de contención de la violencia urbana. Con base en un abordaje cualitativo, cuantitativo y estudio de caso, con levantamiento bibliográfico y trabajo de campo, se identificó que las relaciones de supervivencia entre hombres heterosexuales comúnmente permean la territorialidad de la masculinidad nociva, así como acciones de contención de la violencia urbana no toman en cuenta las cuestiones de género.

Palabras-Clave: Homosociabilidad; Masculinidad nociva; Violencia urbana; Sexualidad; Género.

Abstract

The study involves the reality of social problems on the outskirts of Terra Firme, in the city of Belém/PA. The objective is to understand how the constructions of gender and sexuality of young men, in the Terra Firme neighborhood, are reflected in the relationships and actions to reduce urban violence. Based on a qualitative and quantitative approach and a case study, with a bibliographical survey and field work, the research identified that the survival relationships between straight men commonly permeate the territoriality of harmful masculinity, and that actions to decrease urban violence do not usually take gender issues into account.

Keywords: Homosociability; Harmful masculinity; Urban violence; Sexuality; Gender.

Introdução

O projeto que dá início ao estudo se constitui a partir de 2019 com as inquietações dos autores em discussões em grupo de pesquisa que pretendia analisar os bairros periféricos com altos índices de violência urbana, sendo identificados pelas taxas de homicídios mais ocorrentes, a partir dos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará (SEGUP). Nesse cenário, o bairro da Terra Firme, em Belém, no Pará (PA), foi um dos escolhidos para a análise. Em seus desdobramentos, foram encontrados outros pontos que demandaram estudo, visto que mais de 90% das mortes violentas no bairro eram referentes ao perfil de jovens homens, logo, o gênero e a sexualidade surgiam como pontos de partida também para a compreensão da problemática da violência urbana.

A pesquisa se justifica pela necessidade de estudos acerca das relações de gênero e sexualidade relacionados aos dados de mortes, além de promover uma ciência mais abrangente e menos heterossexualizada na Geografia. Também encontra relevância na pretensão de contribuir para a construção de políticas públicas que tomem o gênero e a sexualidade como elementos essenciais para a compreensão das relações sociais e seus fenômenos nocivos, como a constituição de uma masculinidade rígida, insensível e violenta, que pode levar à morte de jovens homens.

Como resultado de análises derivadas dos estudos dos autores, observou-se que o sexo masculino aparecia com 95% do quantitativo de homicídios no bairro da Terra Firme (Belém-PA), entre os anos de 2014 e 2018; e, ao adentrar a pesquisa, foram expostas relações que cultivavam essa cultura da violência em espaço urbano entre homens que performavam a sexualidade masculina no bairro da Terra Firme (Pinto, 2022). Entre os anos de 2019 e 2021, 65% das vítimas de homicídios foram jovens de 12 a 29 anos de idade (SEGUP/SIAC, 2023), protagonizando homens jovens como principais alvos de mortes violentas.

Desse modo, entende-se por mortes violentas aquelas que são caracterizadas por um crime violento letal intencional, isto é, que tenha como consequência a morte, motivado por questões de violência urbana, tráfico de drogas e/ou seguido de crimes de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e roubo seguido de morte (Silva, 2015). Segundo Chagas (2014), crimes violentos são mais materializados em espaços periféricos devido à presença precária do Estado (Martins, 1995), ocasionando a proliferação das relações paralelas do poder, como o tráfico de drogas, resultando na morte violenta de jovens, como no bairro da Terra Firme (Pinto; Ribeiro, 2021).

Para esse cenário, salienta-se uma leitura interseccional do que se apresenta enquanto violência urbana e mortes de jovens homens. De acordo com Crenshaw (2002), a interseccionalidade é a sobreposição de dois ou mais eixos de subordinação, isto é, quando atravessamos as mortes desses jovens com o gênero, a sexualidade e a regionalidade precária de seus corpos diante dos marcadores e simbologias que os colocaram em destaque nas estatísticas de violência da cidade.

Para este estudo, compreendem-se as mortes violentas de jovens, neste

caso, com o expressivo dado de serem jovens homens heterossexuais, relacionadas às construções de masculinidade nociva orientadas sexualmente no espaço (Ahmed, 2006). Isso devido às formações sociais e culturais (Butler, 2018) do que vem a ser um dispositivo de poder, a sexualidade (Foucault, 1987), resultando em mortes violentas, configurando uma falha dos mecanismos locais de controle social (Aragão; De Melo Gomes, 2023). Dessa forma, faz-se pertinente questionar: como as construções de gênero e sexualidade de jovens homens, no bairro da Terra Firme, refletem nas relações e ações de contenção à violência urbana?

Processos metodológicos

A pesquisa se deu com caráter qualitativo e quantitativo, através dos dados disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará (SEGUP) e pela Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC), bem como por meio de formulários preenchidos, sendo selecionados moradores do bairro da Terra Firme, focalizando em participantes com as idades que atualmente teriam das vítimas dos índices mais elevados dos crimes violentos (homicídio, latrocínio e lesão corporal seguida de morte), entre 2014 a 2018.

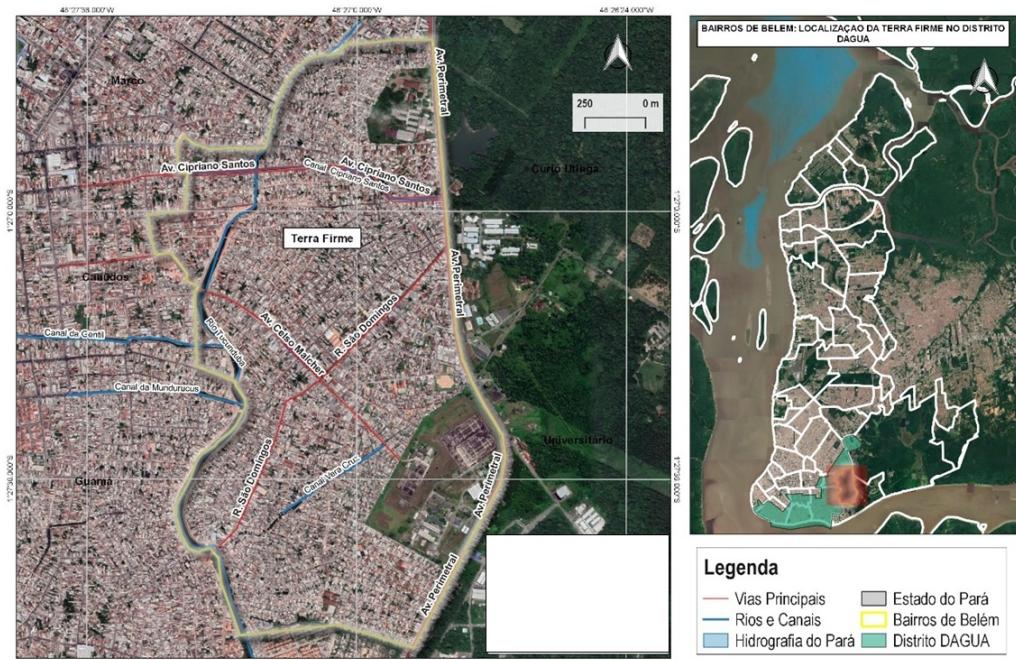
Foram entrevistados 20 moradores do bairro, sendo dez do gênero masculino e dez do gênero feminino, e houve a inserção de um participante X, o qual se teve a oportunidade de entrevistar, sendo este envolvido diretamente com a violência urbana do bairro da Terra Firme.

Visando coletar e analisar dados e acontecimentos ocorrentes no bairro da Terra Firme, este estudo se configura como um estudo de caso, considerando a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, traduzida em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (Prodanov; Freitas, 2013). Tendo como grupo específico os moradores da Terra Firme, dentro da realidade dos papéis de gênero e das dinâmicas sociais e espaciais de crimes violentos, essa análise empírica perpassa pela severidade, objetivação, originalidade e coerência, exigidas para a realização desse método (Prodanov; Freitas, 2013).

Para isso se faz pertinente caracterizar a periferia em questão, o bairro da Terra Firme (Figura 01), sendo o nosso lócus de pesquisa. Segundo Pinto e Ribeiro (2021), uma vez sendo resultado das ações dos grupos empobrecidos “expulsos” da área central de Belém-PA, o bairro contém uma série de variáveis que materializam sua identidade e também alimentam o estereótipo de periférico, entre elas, a violência urbana, a incidência das relações do tráfico de drogas e a infraestrutura precarizada. Além disso, dispõe de uma área total de 2,2km², porém, 1,9 km² são de áreas de aglomerados subnormais, comportando 95% de toda a extensão territorial (IBGE, 2010), subdivididos em quatro: Perimetral, Bacia do Tucunduba, Parque Amazônia e Eletronorte, conforme o censo demográfico brasileiro de 2010 (IBGE, 2010).

Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens homens em Belém-PA

Figura 01 – Localização do bairro da Terra Firme, Belém-PA



Fonte: IBGE, 2019. Elaborado pelos autores.

Foram desenvolvidos os seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento bibliográfico e documental acerca da realidade do bairro da Terra Firme, com a utilização de dados de infraestrutura e de crimes violentos que resultaram em mortes, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará; b) trabalho de campo para registros fotográficos e observações mais próximas do real para a caracterização territorial, além da aplicação de formulários com moradores do bairro, sendo do gênero masculino e feminino, com idades que se aproximam das idades que atualmente teriam os jovens mortos durante os anos de 2014 a 2018; e c) análise dos dados produzidos, através da metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 1977), para compreender as ideias nos textos dos entrevistados, juntamente com a produção de cartografias para melhor compreensão dos resultados.

Além disso, Silva *et al.* (2023) aponta que o debate corporificado na geografia já apresenta uma certa trajetória, em especial no que diz respeito às críticas a uma geografia descorporificada, além da emergência do entendimento do corpo como um espaço geográfico. Assim, como procedimento metodológico, aceitamos o convite da autora a refletir sobre a hierarquia acadêmica, suas abordagens científicas e pedagógicas, o que, por sua vez, reflete nas teorias, conceitos, métodos, metodologias e didáticas aos quais temos – ou não – acesso. Logo, corporificando os dados analisados, e problematizando a territorialidade da masculinidade nociva evidenciada pela homossociabilidade de jovens homens.

O estudo tem como objetivo compreender como as construções de gênero e sexualidade de jovens homens no bairro da Terra Firme se refletem nas relações e ações de contenção à violência urbana. O artigo se divide em quatro partes, sendo elas: discussão teórica acerca da espacialidade da violência através da orientação sexual; as relações violentas de homens com

homens que resultam em hierarquia e conflitos de poder, como evidenciam os dados da violência urbana na Terra Firme; por fim, o reflexo desses fenômenos na construção de políticas públicas para a contenção da violência urbana na cidade de Belém-PA.

Orientação sexual e orientação geográfica: a espacialidade da violência urbana pela diferenciação de gênero e sexualidade

Ao analisar a orientação sexual como variável diretamente ligada ao processo de construção social de uma sociedade, vale destacar qual compreensão de sexualidade está se tomando. Para esse diálogo, faz-se pertinente a interação entre autores que dissertam acerca da sexualidade, do gênero e das construções sociais que moldam os caminhos traçados pelos corpos. Ahmed (2006), Butler (2018) e Foucault (1984) expõem em suas narrativas a preocupação dos objetos tradicionais e conservadores que moldam o corpo, sendo ele masculino ou feminino, e todas as consequências que a transgressão pode ocasionar nesse processo.

Por assim dizer, segundo Butler (2018), é inerente ao corpo a construção social da heterossexualidade compulsória como regime de poder e de discurso. A dicotomia entre ser homem e ser mulher se faz mediante as relações sociais que designam tais tarefas e tais doutrinas aos sexos que são atribuídos ao nascer. Entretanto, como fenômeno transgressor, para Ahmed (2006), a orientação sexual não é uma opção, passível de escolha, é inerente ao corpo:

As orientações moldam não apenas como habitamos o espaço, mas como apreendemos esse mundo de habitações compartilhadas, assim como ‘quem’ ou ‘o que’ direcionamos nossa energia e atenção para o que queremos (Ahmed, 2006, p. 3).

Isto é, a forma como se concebe a sexualidade decorre justamente da orientação que seguimos de acordo com as forças que impulsionam tais ações no espaço, com as normas sociais ditas padrões ao convívio social, que de diversas formas podem ser nocivas à sociedade. Essa então orientação sexual compulsória, para este tópico, é fruto de uma recusa ao diálogo acerca das sexualidades (Foucault, 1984), do fomento do estruturalismo heterosexual (Butler, 2018) e dos objetos de pressão que tencionam a orientação sexual dos corpos masculinos em pontos específicos das orientações geográficas no espaço (Ahmed, 2006).

Crenshaw (1991) aponta que o gênero, somado aqui às questões de sexualidade e de regiões periféricas, deve ser transversal para as leituras da violência urbana, visto que o corpo, relacionado às simbologias do espaço, é, de forma direcionada, implicado de subjugações e tensões que os levam a se materializar de uma forma ou de outra. Interseccional a leitura dos dados é entender a forma e o conteúdo que chegam às estatísticas e demarcam uma região e um corpo como violento ou violentado.

De Campos, Silva e Silva (2020), baseados nos direcionamentos de Lefebvre (1991), apontam o corpo como central no desenvolvimento do espaço, sendo este corpo, além de reprodutor, o próprio espaço. Concordam assim que essa corporificação é compreender que as simbologias dos

marcadores sociais dos indivíduos são caminhos para o entendimento das relações de poder que se estabelecem a partir dos corpos, retroalimentando uma estrutura geográfica que tem no território as manifestações dos símbolos, marcas e intencionalidades expressadas, neste caso, por jovens homens periféricos.

A abstração, no conjunto de relações de poder multidimensionais, consegue o sentido através de uma rede solidamente traçada. Envolve uma série de elementos concretos (a periferização, o tráfico de drogas, ações físicas do Estado) e outros abstratos (a identidade periférica, a violência estrutural, o sentido de valorização política do espaço). Para Raffestin (1987), a territorialidade humana, o corpo ser a própria categoria geográfica, é a relação com o território, é também as suas abstrações de linguagem, marcadores de fé e tecnologias. Formando então territórios em rede, nos quais se encontram os nós e os cruzamentos sociais e espaciais que dão realidade às ações e aos objetos lançados no espaço, abstratos e não abstratos.

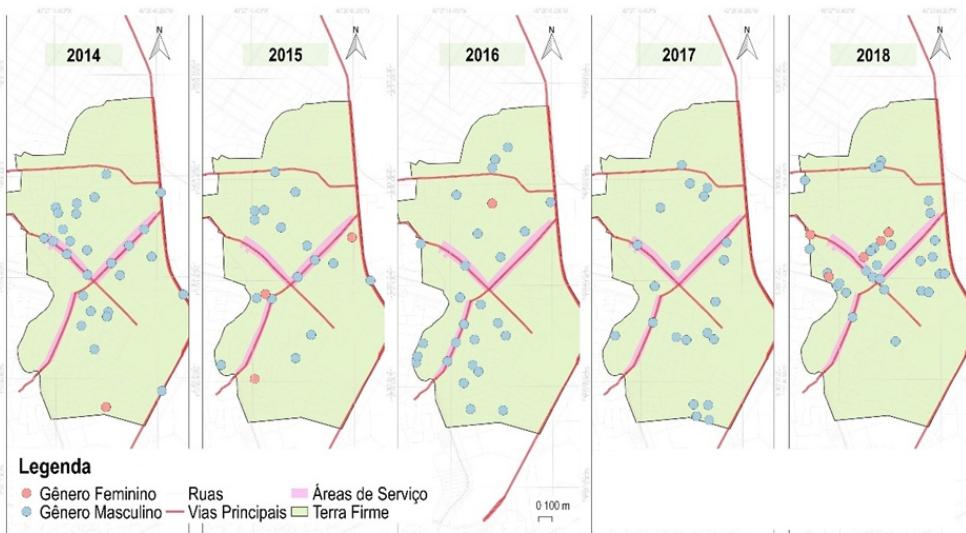
Desse modo, é fundamental analisar as redes construídas através da homossociabilidade de jovens homens em contexto de violência urbana, nas suas relações sociais que emitem signos de poder para que se mantenham firmes os nós dos acordos de masculinidades ora constituídos por uma formação social de cultivo ao ideal de gênero, através do dispositivo de poder que é a sexualidade para o controle de corpos, territórios e padronização de violência em dadas sociedades.

Rossi (2011), baseado nos estudos de Evers (2009), aponta que a homossociabilidade é a relação cultural de desejo entre homens, de elementos como objetos (bens materiais) e objetivos (feitos, valores e/ou posições). Não sendo uma relação afetiva, mas de inspiração, exemplificação de ideal de ser homem, não privilegiando a atuação feminina como uma possível referência de existência, mas de outros homens heterossexuais devido às suas performances de “sucesso” em ser homem. O prejudicial disto, em cenários de violência urbana, são os exemplos de homens entre jovens que recaem para protagonistas da criminalidade, das relações nocivas de manutenção e existência do poder entre esses homens em ambientes hostis.

Para iniciar a relação da homossociabilidade com os dados de mortes violentas, fez-se necessário identificar onde estavam localizados os corpos dessas mortes na periferia. Dessa forma, observam-se, na Figura 02, os espaços majoritários de oferta de serviços, como feiras, supermercados, oficinas e outros, onde mais se espacializava o gênero masculino, em contrapartida, os espaços de moradia eram onde os poucos dados de mortes do gênero feminino se encontravam. A diferenciação de gênero e a divisão do trabalho, de certa maneira, continuam definidas também nesse cenário.

A orientação geográfica (Figura 02) representa assim o diálogo que se traça nesse estudo, do quanto as construções de gênero têm condicionado jovens homens em certos espaços, atravessados pelo estado de violência, orientados geograficamente através das tensões vividas pelos seus corpos, refletidas nos crimes letais. Além disso, observa-se que a partir da construção de sexualidade, o campo produzido apontou que homens heterossexuais, no contexto do estudo, faziam-se presentes em espaços de trabalho, reafirmando o papel do “homem da casa”, que provém o sustento e aprende com os homens heterossexuais mais velhos as dinâmicas de sustentabilidade familiar na força braçal.

Figura 02 – Espacialidade dos crimes violentos no bairro da Terra Firme, 2014-2018



Fonte: SEGUP, 2021. Elaborado pelos autores.

Há uma lógica das forças de tensão que orientam geograficamente corpos nesse espaço. Neste estudo, em uma leitura de violência urbana e relações de gênero e sexualidade, observa-se ainda que as construções do que é ser homem e do que é ser mulher tensionam a malha social urbana, através da espacialidade desses corpos, no que tange ao cumprimento dos seus papéis de gênero, tanto na afirmação de ser homem viril, violento e socialmente temido, o levando a morte para afirmar ainda mais sua sexualidade masculina heterossexual, como na definição do lugar da mulher na casa, reafirmando e “cumprindo” seu papel.

Homossociabilidade promovendo masculinidade nociva e, consequentemente, a morte de jovens homens

Em De Campos, Silva e Silva (2020), a experiência humana é corporal e também espacial, dessa forma, faz-se pertinente considerar a diferenciação dos corpos na composição dos processos e fenômenos. Sendo assim, a rede que se torna território a partir das tensões dos corpos é o palco da manifestação dos dispositivos e diagramas do poder que regem a população, abordados por Foucault (1984). Aí então a formulação, através do biopoder, da masculinidade nociva apresentada neste trabalho, baseando-se nos estudos de Butler (2018), foi manipulada pela heterossexualidade compulsória, que buscou a dominação e a manipulação da população através da dicotomização dos papéis de gênero.

A partir do século XIX, mecanismos que visavam atuar diretamente sobre a família surgem com o propósito de reger a sociedade, para que áreas como natalidade, mortalidade, expectativa de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, alimentação e habitat fossem pautadas em regimes e diagramas obedecidos pela sociedade (Silva, 2008). A sexualidade então surge como o mecanismo que gerencia esses elementos sociais, a partir daí, Estado, igrejas, escolas e outras instituições de macro atuação no território podem ditar

suas regras e dogmas para controlar os grupos nelas inseridos.

Esse mecanismo, com maior incidência disciplinar no papel de ser mãe, fomenta a construção de uma masculinidade nociva, que se baseia na divisão do papel da mulher cuidando dos filhos, e o homem provendo o sustento da casa (Silva, 2008). Designando a mulher a um papel de subserviência e o homem ao de detentor da força, do domínio e do protagonismo, e para isso, tendo que se caracterizar através de mecanismos, tantas vezes orientados pela rigidez e brutalidade, para alcançar o ideal de ser homem. Masculinidade, para Leal e Da Silva (2022), faz-se nas características e qualidades atribuídas ao gênero masculino, essa masculinidade, portanto, constrói-se socialmente através de homossociabilidades.

Butler (2018), atribuída de uma tarefa genealógica de centrar e descentrar as instituições definidoras do denominado falocentrismo, que defendem uma superioridade masculina, pontua que tais esforços na busca pelo ideal de homem e pelo estabelecimento de um mundo masculino e um feminino são frutos da matriz heterossexual compulsória. Sendo essas práticas masculinas em relação aos papéis de gênero estabelecidos pelo biopoder foucaultiano, isto é, a territorialidade que demarca o espaço através das relações de poder nocivo, atribuído ao ideal de homem buscado, guiado e estruturado pelas linguagens, códigos e sistemas de sinais pontuados por Raffestin (1987) na territorialidade humana, neste caso, a territorialidade da masculinidade nociva.

Na materialização dessa territorialidade da masculinidade nessa concepção, os estudos de Rossi (2011) e Gomes (2011) expressam em seus grupos de estudos as construções sociais e espaciais que elevam a expressão da sexualidade de homens envolvidos com a violência. Provocando uma leitura para além dos dados quantitativos, abordam a subjetividade violenta do construto de jovens em conflito com a lei. Em suas narrativas, pode-se analisar a performatividade comumente citada entre os autores ao expressar a materialização das masculinidades.

Para Butler (2018), performatividade é a reiteração de um conjunto de normas que são anteriores aos sujeitos. Esses papéis de gênero seriam cotidianamente retrabalhados, demonstrando sua característica de instabilidade, temporalidade e espacialidade (Ornat, 2008), tendo em vista o seu caráter político e histórico do “fazer” ou “construir”. Ou seja, é uma coerência de padrão representativo de gênero, masculino ou feminino, construído na relação entre o seu sexo e o gênero empregado na sociedade, materializando ações que influenciarão o espaço, sejam elas, neste ensaio, na luta por moradia e habitação ou na violência do cotidiano periférico.

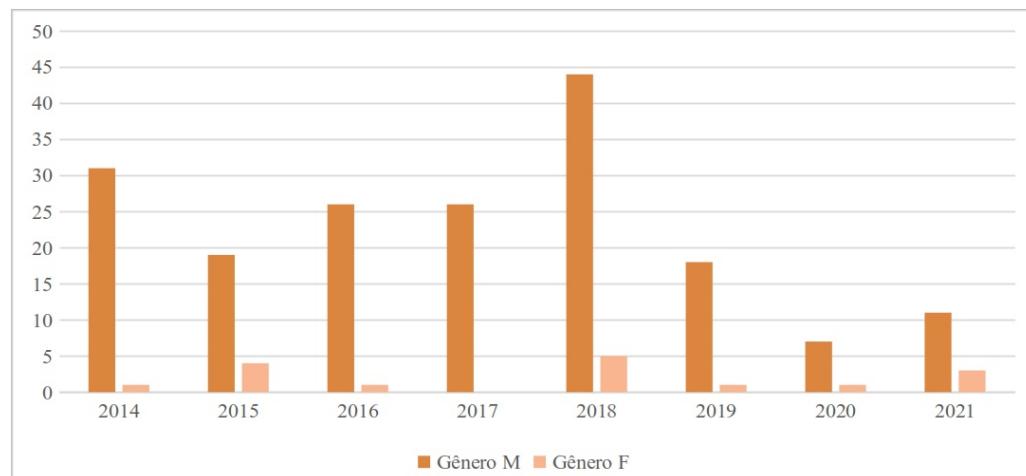
Caracteriza-se assim, neste estudo, o encontro de um homem viril, forte, insensível e rígido quanto ao contexto social, que mantém suas territorialidades através da emissão de poder nocivo, para a reafirmação do ser homem dentro de um ambiente hostil, visando a sua proteção. Além de adquirir respeito, obediência e também se tornando referência para outros jovens homens heterossexuais que sejam tensionados geograficamente para relações da criminalidade, mediante a sua sexualidade, ao território inserido e às dinâmicas de sobrevivência colocadas dentro da realidade de uma sociedade que vivencia o medo e a militarização urbana (Graham, 2016), convertendo-se em mortes.

O Gráfico 01 expõe como se dá o quantitativo de mortes violentas no bairro

Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens homens em Belém-PA

da Terra Firme, como expressiva consequência da homossociabilidade estudada aqui, entre os anos de 2014 e 2021. Pinto (2022) expõe essa relação maléfica, dada pela ausência de políticas públicas de contenção à violência que levem em consideração as relações de gênero e sexualidade. Observa-se a disparidade de mortes violentas entre os gêneros, tendo o ano de 2017, por exemplo, com 100% dessas mortes referentes ao gênero masculino, e nos outros anos se mantendo longe de uma equiparação de quantitativo.

Gráfico 01 – Vítimas de crimes violentos por gênero entre 2014-2021 no bairro da Terra Firme/Belém-PA



Fonte: SEGUP, 2021. Elaborado pelos autores.

Ao se relacionar com outros homens, a masculinidade cria a sua própria identidade e padrões a serem seguidos, de acordo com o contexto no qual esses homens estão inseridos. Por meio dos formulários aplicados para obtenção de falas e comportamentos relativos à compreensão de como se dão as relações de homossociabilidade, destacou-se o seguinte enunciado.

Desde a adolescência gostava de matar aula pra passear pelas praças de Belém, gostava de fumar cigarro, sentar na praça pegar vento, beber uma água de coco, dar boas risadas com amigos, e já adolescente mesmo já fumava maconha com os amigos! (Participante X – Gênero Masculino).

Para exemplificar a homossociabilidade, é importante salientar que urge do convívio entre homens heterossexuais que se enxergam como referências, e somente ouvem, seguem e imitam seus pares homens héteros. Em contexto de sociabilidades urbanas, é comum que esses homens passem a afirmar sua sexualidade no compartilhamento de processos marginais, com relações que demonstram poder, força e hierarquia de líderes que buscam expor que são “mais homens” através de suas práticas:

Convivência direta, afinal, o bairro não é muito grande. Muitos se conhecem, daí vem a camaradagem de ‘usa ai’, ‘vamos ali’, ‘dá apoio aqui’ (Participante 8 – Gênero Masculino).

Acho que uma das principais coisas que me marcou foi uma vez que

Pedro Israel Mota Pinto, Willame de Oliveira Ribeiro, Clay Anderson Nunes Chagas

eu estava andando de bicicleta (devia ter uns 13 anos) e um grupo de garotos estavam tendo uma conversa sobre fugir da polícia. Meio que eles estavam discutindo um lugar o qual a polícia não ia estar, no dia que eles estariam fazendo seja lá o que fosse. Eu, muito assustada, saí de lá e entrei em casa (Participante 3 – Gênero Feminino).

Segundo Rossi (2010) e Gomes (2011), devido ao modo como constroem suas identidades a partir de referenciais da masculinidade, homens jovens buscam em estereótipos adultos de outros homens, articulados ao desejo de consumo, o vício e práticas ilícitas reconhecidas hegemonicamente como perigosas ou danosas ao futuro. Na tessitura do território sistêmico e hierárquico delineado por Raffestin (1993), os nós e redes se apresentam em campos de ações desenvolvidos no espaço. A partir desse sistema que a territorialidade constitui, e nesse emaranhado, a masculinidade nociva se desenvolve e se funde ao social e cultural do imaginário de ideal da sociedade. “Ser homem é ser assim mesmo”.

Ao abordar a relação entre orientações e ocupação do território, Ahmed (2006) destaca que essas influências vão além da simples localização física, permeando também nossa compreensão do mundo e das habitações compartilhadas. Em sua obra, a autora explora a espacialidade do corpo orientado por tensionamentos, que são influenciados pelas violências expressadas no como ir/onde ir sendo um contraponto aos sujeitos que não se adequam a tais orientações, movidos assim por tensões. Isso o leva a buscar estrategicamente espaços onde as relações de poder o tornem mais forte, as relações entre os homens heterossexuais.

Como exposto nas falas, há então uma comunicação simbólica, devido à territorialidade do bairro, em manter as relações desses jovens em um mesmo espaço, ao se tratar da Terre Firme, um bairro que se desdobra pelas precariedades periféricas de uma presença precária do Estado (Martins, 1995). Vale salientar que não é um determinante a marginalização de bairros periféricos para a proliferação da violência, mas uma forte contribuição para a sustentabilidade de relações criminosas, devido à insuficiência e precária presença do Estado, priorizando espaços em detrimento de outros, no que concerne à infraestrutura e serviços básicos. Propiciando territórios hostis, atravessados por poderes paralelos em constante conflito.

A constituição da masculinidade, nos estudos de Leal e Da Silva (2022), resulta da relação de referências e trocas sociais entre pessoas do mesmo sexo, não sendo esta uma relação de afeto ou sexual, mas sim de conflitos, como de quem domina mais, quem tem mais força, mais coragem, etc., isto é, relações de conflitos de poder, que se intensificam ainda mais em contextos de sobrevivência. Essa homossociabilidade se constitui mediante o combate dos aspectos que associem os homens às mulheres (Leal; Da Silva, 2022). Combate dos traços ditos femininos, havendo assim um “direito à violência” para o homem viril.

Enfraquecimento da violência urbana e questões de Gênero e Sexualidade entre jovens homens

Para Rossi (2011), coexistem no espaço a intersecção de opressões entre masculinidades, pobreza e espaços de vulnerabilidade e violência. Salienta-se as questões de gênero no estudo da violência urbana, a configuração de um estudo que relaciona outras esferas sociais para dirimir uma problemática, isto é, o espaço está implicado na constituição e condução da vida social (Rossi, 2011). Logo, ao tratar espaço, entende-se pela relação social e física que se dá na formação dos sujeitos. Nessa perspectiva, a contenção da violência requer uma análise da intersecção das problemáticas da infraestrutura de dado espaço, relacionando-a com as relações sociais constituídas também nesse espaço.

Gomes (2011) relaciona a espacialidade das drogas, seus dispositivos informais de cobrança e conflitos entre territorialidades urbanas do narcotráfico local e regional, com as ações comuns de masculinidade nociva. O cenário que se apresenta é que essa linha pontifica relações vinculadas ao uso de drogas, morte e violência entre jovens que reproduzem masculinidade nociva em localidades específicas. No estudo de Gomes (2011), a RUA emergia, através da metodologia da Evocação, nas narrativas de jovens infratores que tinham nessa localidade a materialidade da violência pelas relações cultivadas.

Além disso, a RUA, para Gomes (2011, p. 312), comporta-se como um:

[...] duplo de sujeição-espacço, lugar de repetição, de normas condutoras, dos saberes, da conexão entre modos de dizer e se fazer entender, dos modos de fazer e se fazer sujeito ‘homem’ como os ‘outros-homens’.

A disputa de coragem e a prova no que tange a “palavra de homem” são construtoras de territórios que demandam do mais forte a virilidade de “ser homem”, o qual irão temer. Nos estudos de Gomes (2011), essa expressividade se encontra nas evocações materializadas pelos entrevistados, que no uso e na venda de drogas, tinham a responsabilidade de se manterem fortes diante do restante da comunidade da rua.

Buscando uma compreensão abrangente no que concerne essas práticas, Gomes (2011), baseado também em Foucault (1987), expõe que as regras que codificam são materializadas através de práticas repetitivas de poderes disciplinadores, isto é, o “biopoder”, “governamentabilidade” e “dispositivos”. Sendo estas regras então impostas na formação da masculinidade desses jovens em homens, essencialmente em sociedades nas quais a violência é tida como uma defesa, uma consequência da sobrevivência em territórios hostis para a fraqueza de homens não violentos, assim, forma-se um urbanismo militarizado.

Graham (2016), ao tratar de uma urbanização militarizada, observa e corrobora com Saquet (2020) e Souza (2015), ao expressar a cidade como um campo de batalha. Isto é, o espaço urbano visto e materializado como território, coloca em questão como esse planejamento da cidade perpassa pelo imaginário da guerra, uma constante guerra entre poderes. As cidades passam a

ser agora campos de batalha (Graham, 2016). Assim se dá então a contenção da violência em bairros marginalizados, com alto índice de violência através do quantitativo de crimes violentos, como o bairro da Terra Firme (Chagas, 2014).

Rossi (2011) também pontua que os homens jovens, atribuídos dessa masculinidade nociva, ligados à violência urbana, recriam um imaginário ideal de ser homem, tendo este que se manter firme e temido diante da marginalidade das relações violentas advindas do tráfico de drogas e da sobrevivência na cidade. Em uma abordagem (i)material do território (Saquet, 2020), entende-se a relação de matéria-ideia, dialeticamente observada na construção imaginária e física desse território, a partir dos processos político-econômicos e culturais ligados ao desenvolvimento territorial (Saquet, 2020), e também da constituição violenta das relações do corpo (Ahmed, 2006; Silva, 2009).

Por conseguinte, a formação de uma cidade violenta, com características de desqualificação e intervenção sobre aqueles que não se padronizam ao gênero e sexualidade que lhes foi atribuído ao nascer, ditos transgressores da cidade, implica diretamente na territorialidade dos agentes modeladores desse território (Silva, 2009), moldando-os dentro de um conjunto de normas rígidas do que é ser homem, e de como esse homem deverá se proteger das intervenções que firam sua masculinidade.

Na pesquisa com moradores do bairro da Terra Firme, observou-se que, para a contenção da violência, existem esferas além do policiamento que são acionadas, a exemplo da atuação de movimentos sociais, ações coletivas, que através de atuações no território com arte, lazer, cultura e educação buscam também sanar as problemáticas da violência. Entretanto, o público que mais é afetado por essa violência urbana, jovens homens héteros, não costumam se inserir em tais processos.

Ao serem questionados sobre participarem de movimentos sociais quando jovens para a contenção da violência no bairro, 60% dos participantes responderam “sim”, sendo que, desse quantitativo, apenas um se identificou do gênero masculino e heterossexual. Desse modo, esse espaço de atuação e movimentação social em prol de elementos como a educação, o lazer, a empregabilidade e a cultura, ou seja, de uma sociedade de paz, que protagoniza uma atuação do sujeito em deliberar, atuar e se expressar, é majoritariamente um espaço de vivência feminina e/ou homens não heterossexuais, sendo estes, a partir da homossociabilidade apresentada aqui, excluídos do processo de reafirmação de ser um homem no imaginário manifestado.

Como considerado, espaços que expõem o cuidado, a formação sensível e o contato com mecanismos de que vão de encontro ao ideal de homem violento, para se afirmar homem, são rechaçados por jovens que estão na construção de uma sexualidade nociva. Não adentram com facilidade espaços como movimentos sociais ou formados pelo Estado para o enfraquecimento da violência. Logo, há a necessidade de propor reflexões acerca do mantimento com qualidade de corpos periféricos em seus territórios. Isto é, para compor um cenário que não os restrinja a realidades de violência.

Para masculinidades nocivas, Rossi (2011) aponta marcas que se deixam fortificar no esforço do mantimento das práticas atribuídas a esse homem

marginalizado, periférico e hegemônico para essa realidade. Constituído de um corpo rígido, pela demonstração de poder ao ocasionar dano ao espaço ou a outro indivíduo, pela “palavra de homem” e pela coragem de se manifestar-se e materializar-se nas práticas da violência. Ou seja, pela sua rigidez, pouco se sente à vontade em espaços de sociabilidade não heteronormativa, ou que os faça não performar com suas masculinidades violentas.

No território, as relações sociais se manifestam de maneiras diversas e o poder pode ser exercido de diversas formas. Por vezes, essa manifestação de poder pode acontecer por meio da coerção e de pressões que orientam indivíduos a ocuparem espaços específicos e a adotarem comportamentos determinados dentro desses espaços (Ahmed, 2006). Porém, quando o poder percebe que está perdendo sua força, a violência pode se instaurar como uma forma de manter as ordens estabelecidas, que eram consideradas únicas, verdadeiras e imutáveis, sem permitir qualquer forma de transgressão.

Segundo Rossi (2011, p. 296), ao constituir o território, esses homens, através de suas práticas territoriais, “reconstroem permanentemente suas masculinidades por meio das correlações de força vinculadas à sua convivência em grupo, à idade e à trajetória na realização de práticas ilícitas”. Dentro das relações de poder, os jovens homens, embora perpassem pelas problemáticas da opressão social e espacial, elaboram táticas que desconstroem, desestabilizam ou subvertem a ordem territorial instituída. Esse exercício da força na construção da territorialidade masculina nociva se manifesta através do uso das áreas urbanas como a rua.

Considerações finais

Neste estudo, apresentaram-se as problemáticas ocasionadas pela rigidez das normas de gênero e sexualidade socialmente impostas a jovens homens heterossexuais, para que se mantenham com a construção de uma masculinidade que emita força, medo e virilidade na sociedade, e isso se agrava no contexto da violência urbana. Caracterizando assim dados de mortes violentas de jovens homens heterossexuais em espaços periferizados, por meio das relações da homossociabilidade, entrelaçadas à criminalidade, à autossobrevivência e à afirmação do ser homem, honrando sua masculinidade e defendendo seu território através dos signos e símbolos construídos pelos grupos desses mesmos homens, em prol de suas fortalezas masculinas nocivas.

Atenta-se para as consequências dessas relações nas mortes em prol desta masculinidade. Sendo tensionados no espaço através da afirmação do ser homem em contexto de trabalho e da criminalidade, ocupando majoritariamente feiras, oficinas e praças. Esses espaços públicos são resistentes às transgressões de gênero, um ponto de proliferação de territorialidades, através dos marcadores de sexualidade heterossexual, neste caso, criando uma dinâmica da masculinidade. Caracterizando-se pelos agrupamentos de homens dinamizando práticas ilícitas, montando estratégias de defesa contra forças externas, trocando vantagens e glórias, seduzindo e sendo seduzidos pela ideia de homem ideal em uma sociedade urbanamente militarizada.

Nesse sentido, para o enfraquecimento da violência, faz-se necessária não

só a proteção através da militarização, ou a presença do Estado através de infraestrutura de qualidade e justa para comunidades marginalizadas, mas também uma intervenção mediante a realidade das questões de gênero e sexualidade, que também influenciam na dinâmica da violência urbana, sendo este fenômeno violento com os corpos masculinos, que já são violentados pelas normas sociais impostas na intenção de promover um ideal de homem, convertendo esse ideal de homem em dados de mortes violentas.

Referências

AHMED, Sara. **Queer phenomenology**: orientations, objects, others. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

ARAGÃO, Jorge; DE MELO GOMES, Marcus Alan. Juventude e morte: indicadores da (des) legitimização do sistema penal em Belém-Pará. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 17, n. 1, p. 38-61, 2023.

BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses universitaires de France, 1977.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na Região Metropolitana de Belém. **Boletim amazônico de geografia**, v. 1, n. 1, p. 186-204, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DE CAMPOS, Mayã Polo; SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando. ‘Teu corpo é o espaço mais teu possível’: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 101-114, 2020.

EVERS, Clifton. ‘The point’: surfing, geography and a sensual life of men and masculinity on the Gold Coast, Australia. **Social & Cultural Geography**, v. 10, n. 8, p. 893-908, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOMES, Fernando Bertani. Topografias da violência e as performances de masculinidade de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas em Ponta Grossa - PR. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA,

Joseli Maria (Org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011.

GRAHAM, Stephen. **O novo urbanismo militar**. 1 ed. Trad.: Alyne Azuma. São Paulo: Boitempo, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Aglomerados Subnormais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-%20subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 19 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.

LEAL, Leila Reis; DA SILVA, Luzia Wilma Santana. Masculinidade, comportamento violento e vulnerabilidade juvenil. In: XVIII SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA. 2022. **Anais** [...]. SEPAB, 2022. p. 264-271. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/sefab/article/viewFile/11112/10914>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus. 1997.

ORNAT, Mário José. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, n. 2, v. 2, p. 309-322, jul./dez. 2008.

PINTO, Pedro Israel Mota. POLÍTICAS PÚBLICAS, VIOLÊNCIA URBANA E GÊNERO NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DOS HOMICÍDIOS NA DIFERENCIADA DAS SEXUALIDADES NO BAIRRO DA TERRA FIRME, BELÉM/PA ENTRE 2014 A 2018. In: Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas, IV., 2022, Teresina. **Anais** [...]. Teresina, SINESPP, 2022.

PINTO, Pedro Israel Mota; DE OLIVEIRA RIBEIRO, Willame. DIFERENCIADA SOCIOESPACIAL, VIOLÊNCIA E (IN) JUSTIÇA ESPACIAL NA PERIFERIA URBANA DA TERRA FIRME, BELÉM/PA. **Revista de Geografia** (Recife), v. 38, n. 3, 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Repères pour une théorie de la territorialité humaine**. Cahier/Groupe Réseaux, 1987.

**Homossociabilidade, masculinidade nociva e mortes violentas de jovens
homens em Belém-PA**

ROSSI, Rodrigo. Homens jovens em conflito com a lei e seus territórios urbanos. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (Org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Consequência editora, 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL; SECRETARIA ADJUNTA DE INTELIGÊNCIA E ANÁLISE CRIMINAL. **Dados de Crimes Violentos Letais Intencionais: 2014-2021**. Belém: SEGUP; SIAC, 2023.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli et al. Apresentação das jornadas sobre corpos na geografia brasileira: Trilhas equivocadas, rumos encontrados e nossas perpétuas provocações. In: SILVA, Joseli; ORNAT, Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides (Org). **Corpos e Geografias**: Expressões e espaços encarnados. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2023.

SILVA, Marcelo Moraes. A produção das masculinidades: uma releitura genealógica. In: FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Fazendo Gênero, 2008.

SILVA, Tamires Pereira. Análise espacial e avaliação de vulnerabilidade socioeconômica para os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no Estado de Pernambuco. **Geoingá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 2, p. 60-77, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49312>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Pedro Israel Mota Pinto: Investigação, Escrita (primeira redação), Conceituação, Metodologia.

Willame de Oliveira Ribeiro: Orientação, Conceituação, Metodologia, Escrita, Análise formal.

Clay Anderson Nunes Chagas: Orientação, Conceituação, Metodologia, Análise formal.

Recebido em 16 de maio de 2023.

Aceito em 17 de dezembro de 2024.

Pedro Israel Mota Pinto, Willame de Oliveira Ribeiro, Clay Anderson Nunes Chagas

